

2.3 Programa de revitalização da cafeicultura capixaba - RECAFÉ ¹

Valter José Matielo ²

Quero cumprimentar a todos os Senhores participantes deste Simpósio, que está sendo promovido pelo Centro de Desenvolvimento Tecnológico do Café e pela Secretaria de Estado da Agricultura, através de todas as suas vinculadas, em especial a EMATER-ES e a EMCAPA, deixando desde já registrado o reconhecimento da Secretaria e, portanto, do Governo, ao indispensável apoio de todos para que este evento tivesse o sucesso que antecipadamente estamos vendo que alcançou. Aliás, foi programado para isto.

Para nós, ficou a responsabilidade de tentarmos delimitar o que é o Programa de Revitalização da Cafeicultura Capixaba na SEAG, denominado RECAFÉ. De imediato quero fazer um outro registro: tem a mesma finalidade de revitalização, as mesmas diretrizes e filosofia, do programa do Governo Federal, através da Delegacia Federal do Ministério da Agricultura do Abastecimento e da Reforma Agrária no Espírito Santo DFAARA/ES, que absorveu os técnicos do antigo IBC, e formou, um bloco em favor da revitalização da cafeicultura.

Antes mesmo de falar em cafeicultura, considerando que os participantes deste evento, são todos lideranças militantes no setor agropecuário, solicito que atentem para uma realidade que é própria não do Estado do Espírito Santo, não do Brasil mas do mundo. E que todos nós, ou uma parcela, discute, que é: **Qualidade e Produtividade - Novo Desafio Mundial, nos anos 90.**

É exatamente este o propósito deste Simpósio, ou seja discutir a questão da qualidade e da produtividade. Esse é o grande desafio. Se não acreditarmos nisso, dificilmente caminharemos.

Após essa pequena introdução, afirmo que a qualidade e a produtividade ideal só se detém com o comprometimento de todos que tenha haver com a atividade. Todos os eles precisam estar fortes e unidos.

Afirmo com isso que não dá para discutir que qualidade e produtividade, proposta maior deste Seminário, isoladamente, é responsabilidade da SEAG ou do Centro de Desenvolvimento do Café, mas também é responsabilidade de todos que têm a ver com o setor primário do nosso Estado. É essa a compreensão da Secretaria e, portanto, do Governo.

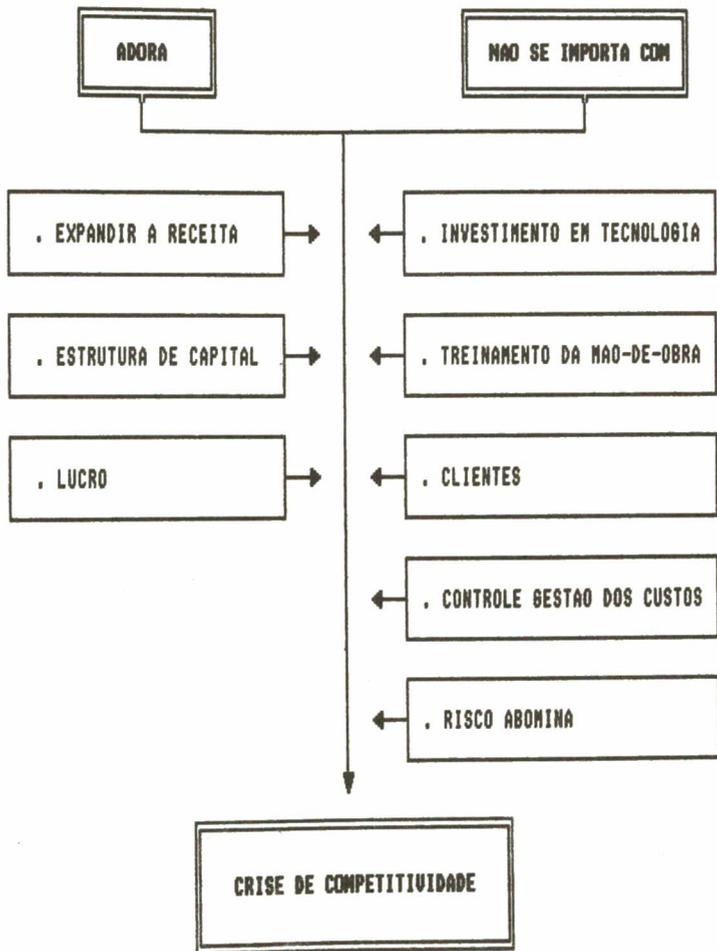
Observa-se na Figura 1 que se refere ao retrato dos últimos anos da indústria e do comércio, mas não vejo como não se aplicar, nos dias atuais ao nosso setor primário. Não vejo nenhuma condição diferente, haja vista que o que mais buscamos é expandir receita, aumentar nossa estrutura de capital e aumentar o nosso lucro. Ai da empresa agrícola, industrial ou comercial, que persistir nessa tese. Esse dado é da Revista Exame, de julho de 90. É preciso investir em tecnologia e treinamento de mão-de-obra. Esse é um dos compromissos do Programa de Revitalização da Cafeicultura. Temos que pensar também no cliente, no consumidor. Dizia eu na abertura, que o produtor tem que ser bem remunerado, mas o consumidor tem que poder consumir café de qualidade. Faz parte do desafio da proposta de modernidade deste Seminário.

¹ Texto extraído por taquigrafia em fitas gravadas e ajustado pelo palestrante

² Eng. Agr. Extencionista da EMATER? Secretário de Estadoda Agricultura

Outro fator fundamental ainda ilustrado na Figura 2 é o controle de custos. A competitividade dos dias atuais, cada vez mais, exige que se conheça e se administre quanto custa a saca de café. A concorrência, que normalmente é detestada, tem de ser vista como uma das grandes formas de fazer com que cresçamos. Concorrente não deve ser expurgado. Ele tem que ser considerado, porque, com certeza, deve ter alguma coisa para trocar.

Figura 1 - A empresa brasileira - retrato dos últimos anos na indústria e comércio



Também não devemos ter medo de arriscar. A participação de vocês, aqui, sugere que estão pretendendo se informar se municiar, para poderem, de fato, apostar numa cafeicultura que depois do quinto ou sexto ano, vindouros, conforme algumas previsões, continuará sendo rentável. É preciso, portanto, investir em tecnologia, e gerenciamento.

Portanto, precisamos entender, o Programa de Revitalização da Cafeicultura, que contempla todos os programas - o PROCAFÉ e o RECAFÉ. Estamos pensando na cafeicultura do Estado do Espírito Santo. É necessário planejar, partindo, lógico, da identificação de onde estamos, onde está o país, onde está o mundo e aonde queremos chegar. Queremos chegar nos próximos dez anos a uma média - de quinze sacas por hectare. Para tanto, temos tempo e ações, e é isso que o RECAFÉ estabeleceu.

Partindo da atual realidade, que passaremos a desenhar é que nasceu o RECAFÉ. Dizia, no começo deste Seminário, que 65% das nossas propriedades trabalham com café. 53% a 90% do ICMS do setor primário, no período de 87 a 92, adveio da atividade cafeeira. São mais de 550 mil pessoas no Estado que sobrevivem dessa atividade. Uma boa parcela no meio rural, mas também na zona urbana sobrevivem dessa atividade.

Temos 496 mil hectares, cultivados com café. O café perde apenas para a pecuária (50% pastagem), 13% café, 16% outras explorações agrícolas, 21% matas e áreas ociosas. E acho que perde porque vocês conhecem muito bem o ciclo: mata, café e pastagem. Vocês sabem o quanto se perdeu, ou o quanto se abandonou de lavoura num determinado período, e isso foi incorporado às áreas de pastagem.

Esses são alguns dados da cafeicultura, ou do nosso setor primário, mas temos alguns, especificamente com relação à produtividade. A nossa produção está caindo. E estou falando aqui, num Simpósio. É preciso, portanto, que entendamos esse programa, haja vista que ele retrata a realidade do Estado e propõe soluções concretas e é isso que estou tentando mostrar. A nossa produção está em decadência. A Figura 2 mostra, claramente, que a nossa produção caiu, no período de 86 a 93. Estamos aí com três milhões e trezentos mil sacas e as estimativas indicam que chegaremos a casa dos três milhões de sacas em 94.

Observe, agora, a Figura 3 que demonstra a evolução da produtividade do café no Estado. Partimos de 86 com 11 sacas/ha. Em 94, pelos cálculos que fiz, na estimativa de produção e de área colhida, já estamos caindo de 7,0 para 6,5. Trata-se de uma previsão que fiz em função das estimativas de safra. Acho que o mínimo que se pode fazer em termos de governo, e conseqüentemente de Secretaria, é ajustar um programa estratégico conclarar a sociedade, o empresariado, as associações, as cooperativas, as prefeituras, os governos estadual e federal para que se entrelacem esforços a fim de que essa atividade, que é um dos sustentáculos econômico do Estado, não tenha sua competitividade e a alternativa de produção dos produtores, ameaçada.

Figura 2 - Evolução da produção do café no Estado do Espírito Santo

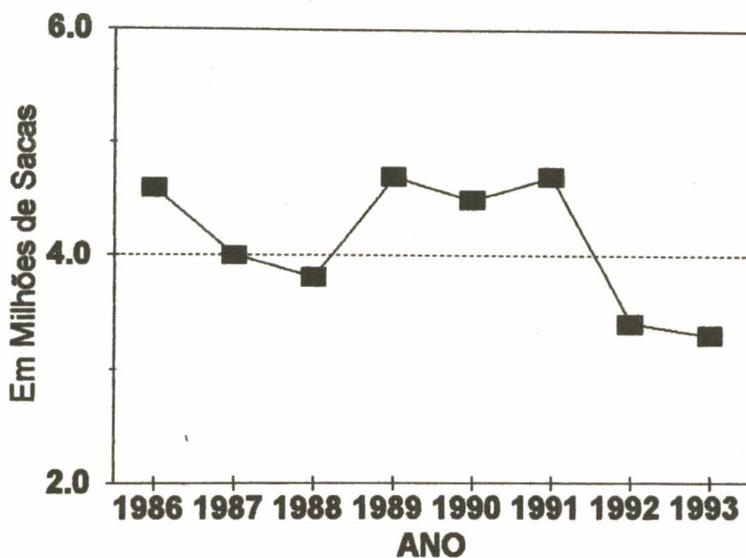
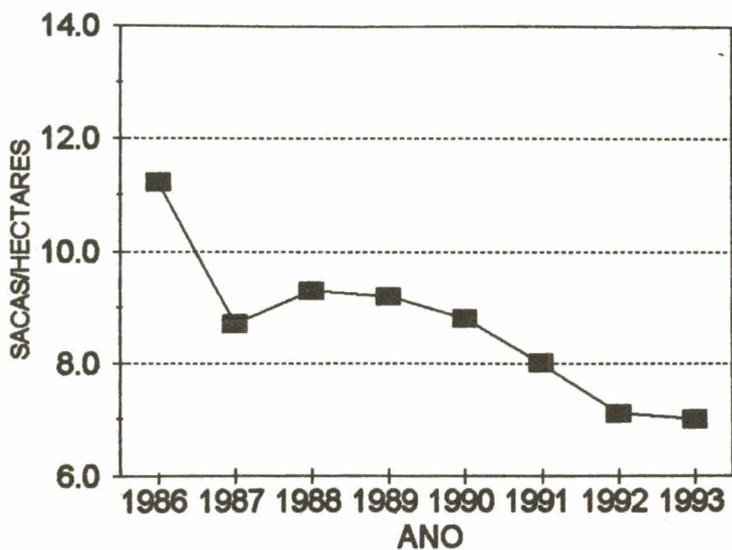


Figura 3 - Evolução da produtividade do café no Estado do Espírito Santo



A queda de produção, e da produtividade e, ainda, a redução do poder competitivo, são conceitos já sedimentados, mas a observação ao desperdício, uma das grandes bandeiras também deste Seminário tem que ser citada. Estou falando da colheita com os frutos verdes, ou com os frutos brocados, e o que isso traduz em termos de "bota fora", também como uma justificativa para o programa que foi montado. Observe os dados expostos abaixo.

PERDAS POR CADA 100 SACAS

Frutos Verdes:	05%	1,3 sacas
	15%	3,9 sacas
	25%	6,5 sacas
	50%	13,0 sacas
Frutos Brocados:	05%	1,4 sacas
	10%	2,1 sacas
	20%	4,1 sacas
	40%	7,6 sacas
	50%	10,0 sacas

Ainda é preciso que façamos, já que estamos falando em produtividade, uma comparação. Falamos da produtividade média da cultura em alguns países, para termos uma relação de onde estamos em termos de país. Estamos com 8,8 sacas/ha em nível nacional, mencionamos o valor de 7,0 sacas/ha a produtividade capixaba. Ganhamos em produtividade apenas da Costa do Marfim. Estes dados constantes do Quadro 1, alertam para a questão dos plantios adensados.

Quadro 1 - Produtividade média da cafeicultura em vários países

Países	Pés/ha	Sacas
Costa Rica	3790	22,7
El Salvador	3070	12,9
Guatemala	3230	10,0
México	1260	13,4
Brasil	1200	8,8
Colômbia	2600	11,6
Costa Marfim	1200	3,7
Camarões	2310	7,7
Kenia	1340	14,0
Indonésia	1640	9,5

Fonte: COOPARAÍSO

Na coluna pés por hectares pode-se fazer algumas análises. Nem sempre a maior quantidade de pés por hectare significa maior produtividade. É preciso manejo, é preciso tecnologia. Não basta plantarmos cinco ou dez mil plantas por hectare sem nenhuma tecnologia de manejo ou tratos culturais, porque está comprovado observando estes dados que somente adensando não é a solução. Isso é importante que fique claro.

Um outro aspecto interessante que justifica esse programa é a questão da qualidade. Observe o Quadro 2. Em apenas 7 anos o que aconteceu com café Arábica. Houve uma perda acentuada da qualidade do produto. Produzimos apenas 26,5% do tipo 7 para pior e em 92 passamos a produzir 81%. Justifica-se ou não um programa arrojado como o RECAFÉ?

Quadro 2 - Demonstrativo da perda de qualidade do café produzido no Estado do Espírito Santo nos anos de 1985 e 1992

ANOS	CAFÉARÁBICA					
	TIPO (%)			BEBIDA (%)		
	6+	7	-7	Dura +	Riada/Rio	Rio Zona
1985	31,00	42,50	26,50	37,50	46,50	16,50
1992	7,41	11,55	81,03	10,00	16,70	73,30

Fonte: • DACAF/IBC

- REVISTA DO CAFÉ
- RESULTADOS PRELIMINARES PESQUISA EMCAPA/EMATER

Ainda no Quadro 2, em termos de bebidas, tínhamos 37,5% de bebida dura e nesses sete anos passamos para 10%. E tínhamos 16% do tipo 'Rio Zona' e passamos para 73,3%. Todos devem ter conhecimento desses dados. Mas é preciso reconhecer que é a qualidade e a produtividade que darão a maior ou menor competitividade do nosso produto.

A realidade do Conilon não é diferente. Observe o Quadro 3; na questão da qualidade, tínhamos 59,7% do café Conilon do tipo 6 e hoje estamos com, aproximadamente, 2%; tínhamos 2,7% do tipo 7 para pior e estamos com 93%, aproximadamente.

Quadro 3 - Demonstrativo da perda de qualidade do café produzido no Estado do Espírito Santo nos anos de 1985 e 1992

ANOS	CAFÉ CONILON				
	TIPO (%)			INCIDÊNCIA DE BROCA (%)	
	6+	7	-7	-5	+5
1985	59,07	38,02	2,01	67,40	32,60
1992	1,97	4,92	93,11	-	-

Fonte: • DACAF/IBC

- REVISTA DO CAFÉ
- RESULTADOS PRELIMINARES PESQUISA EMCAPA/EMATER

A participação do café no valor bruto da produção, sensibiliza, não só a quem montou o plano, mas todas as lideranças que aqui estão, no sentido de tomarmos como bandeira as ações preconizadas por este programa e tornarmos parceiros na sua operacionalização.

Já dissemos que depois da pecuária, em nível de classificação, está o café, a silvicultura, a avicultura e a cana-de-açúcar. A nossa participação na produção nacional de café está variando - este ano entre 18 a 20% nos últimos anos. Agora, é importante destacar, que 80% do Conilon brasileiro é produzido pelo Estado do Espírito Santo e com isto damos a condição ao Brasil de segundo produtor mundial e o Estado, portanto, é o maior produtor nacional. A responsabilidade com o sucesso da atividade deve ser de todos.

Só para os Senhores fazerem uma relação, também trouxe esse dado. Enquanto tínhamos a cafeicultura como uma atividade de fato tocada pela maioria das nossas propriedades, a maioria da população vivia no meio rural. Em apenas vinte anos temos uma inversão, 26% na área rural e 74% urbana. Obviamente que estão ligados aí dois pontos que não vamos explorar, não é objetivo desta palestra: a questão dos incentivos ao desenvolvimento industrial e a questão da erradicação, que está contemplada nesse período. Os reflexos aí estão. O êxodo e as favelas da periferia da grande Vitória. Considerando que uma família aqui custa 28 vezes mais cara, que no campo (interior) tudo deve ser feito pela fixação do homem no campo, citando o fato que a maior parcela do ICMS fica com a Prefeitura Municipal de Vitória.

Acho que isto aqui mostra claramente a importância da política de incentivo, e da necessidade não só de ter-se políticas agrícolas, mas de incrementá-la de fato.

O programa RECAFÉ tem como proposta revitalizar a cafeicultura capixaba num prazo de dez anos. É isso que está no documento que alguns dos Senhores já conhecem.

Revitalizar para quê? Está claro, que o queremos é de fato aumentar a produtividade. O porque já demonstrei. Melhorar a qualidade e reduzir custos, para que possamos

manter os níveis de consumo não somente onde estão mas, quiçá, aumentá-los. Tínhamos uma média nacional de 9 milhões de sacas de consumo, chegamos a 10, 11 milhões de sacas. E no que adianta o preço do café elevado se o poder aquisitivo não permite que tenhamos esse café na mesa do consumidor. Onde vamos colocar? Sempre exportando? Pode ser a realidade de hoje, mas temos de pensar na realidade de dez anos à frente.

Temos que, a todo momento, estarmos atento à redução de custos e uma das formas de aumentar é promover a diversificação. É indispensável e já está comprovado que a cafeeicultura é uma das alternativas mais viáveis para que possamos incrementar a diversificação e melhorar o desenvolvimento do nosso meio rural, porque ela é rentável, ela gera divisas que podem financiar a diversificação de atividades no meio rural, fixando mais o homem no campo, promovendo, conseqüentemente, uma melhor interiorização e desenvolvimento. Obviamente todos queremos melhorar o nível de vida.

Quanto às metas globais, o programa quer revitalizar 250 mil hectares dos 496 do parque cafeeiro atual, 125.000ha da variedade Arábica e 125.000 da variedade Conilon. Procura atingir com suas ações 35 mil propriedades, das 53 mil existentes, que exploram a cafeeicultura. Pretende beneficiar 35 mil produtores rurais, de pequeno e médio porte em especial. Atingirá, ainda, de forma direta 165 mil pessoas no meio rural e 525 mil pessoas de outros setores que envolve a própria atividade, nas cidades ou o próprio meio urbano e Grande Vitória.

Esta é a proposta básica do RECAFÉ. Queremos atingir estes resultados. Há um ditado que diz o seguinte: "muito mais importante do que conhecer a produtividade baixa, a qualidade baixa é saber qual rumo tomar". E o programa vem como essa finalidade. Já está definido. Já está definido qual o rumo.

Quero, com isso, começar a destacar porque o programa não está simplesmente conclamando: "vamos aumentar a produtividade". O programa está conclamado para planejar, para treinar. E o programa vai capacitar técnicos, vai capacitar associações e cooperativas e vai capacitar produtores para que de fato possam garantir o atingimento da meta que estabelecemos. Portanto, o querer e o saber estão concebidos no RECAFÉ, para que alcancemos o propósito maior deste simpósio, ou seja, qualidade e produtividade.

A produtividade está em função da melhoria da qualidade, do produto e da diminuição dos custos. Essa equação não pode ser esquecida, senão estaremos com bastante dificuldade de tornarmos fortes competidores.

Os componentes para a busca da qualidade e produtividade neste programa são: revitalizar as lavouras devidamente implantadas, substituir as de baixa produtividade mal implantadas e promover os tratamentos culturais adequados. É muito importante esta compreensão. Aquelas que realmente foram implantadas sem um mínimo de tecnologia, terão que ser substituídas. Mas está dentro do programa a recuperação numa nova base tecnológica e baseado num zoneamento agroecológico. As metas físicas são: para o Arábica, a nossa produtividade média, hoje, é 4 sacas/ha e pretendemos chegar a 11,7 sacas/ha. O Conilon, que está na média de 9 sacas/ha passar para 17 elevando a produtividade média estadual de 7,0 para 15,0 sacas/ha.

Quanto à qualidade, o Arábica deverá produzir 70% do tipo 6 para melhor e 33% de bebida dura. Outra condição estabelecida como meta é que nos 250 mil hectares as práticas conservacionistas que dizem respeito à preservação do solo, da água e dos nutrientes terão que ser observadas.

Estes resultados serão possíveis com a produção de mudas; práticas de conservação de solo; manejo das lavouras; otimização do uso de corretivos; adubos químicos; orgânicos e controle sanitário e tratamento pós-colheita que é de fundamental importância na definição do padrão de qualidade do produto, além da armazenagem.

Há tecnologia disponível para isso? Sabemos que há. Temos, no caso do melhoramento genético, uma variedade, dentro do Arábica, muito plantada, que é o 'Catuai' vermelho. A EMCAPA conseguiu identificar três variedades, de ciclo curto, médio e longo, de café Conilon, que permite planejar a colheita. Quando digo a EMCAPA, quero registrar novamente que nesse contexto existe todo um trabalho iniciado com colegas profissionais do IBC. Existe ainda tecnologias de manejo e preservação de água, solo e nutrientes e um sistema de plantio adensado, que é uma das discussões que mais os Senhores devem ter debatido durante esses dois dias de trabalho.

Mas precisamos, também, saber comercializar o produto. E o programa prevê, dentro da área de comercialização e estímulos às técnicas de gerenciamento, com capacitação para tal. Reativação da Bolsa de Mercadorias do Estado. Uma Central de Informações que até pode estar associada ao "Disque Agricultura", que em breve será lançado. Um "marketing" sobre qualidade. Não é possível que continuemos vendendo café do tipo 4 pelo preço de 7 ou 8.

Devemos também buscar recriar a federação das nossas cooperativas da cafeicultura, que acho que com o passar do tempo ficou esquecida.

O certificado de mercadoria que o BANESTES criou, deve ser retomado, até porque o Banco do Brasil já lançou um programa neste sentido. A Bolsa de Mercadorias, a exportação via associativismo, a central de informações sobre café e, obviamente, um "marketing" sobre café. Este programa depende também de incentivos. Um deles é a instalação de viveiros e de armazéns comunitários, dos quais de 80 a 60%, respectivamente, devem ter aporte de recursos públicos bem como a construção de viveiros para médios e pequenos produtores, respectivamente, com subsídios da ordem de 30 a 50%, respectivamente. Quanto a corretivos, que é uma das maiores demandas, o benefício incidiria, sobre, no máximo, até 10 toneladas. Aquisição de máquinas e equipamentos destinadas as cooperativas e as associações, via crédito diferenciado, podendo chegar até 30%. Nessa área já acionamos o Governo do Estado. Esse programa está parado desde novembro de 93, e estabelecendo como prioridade o repasse do recurso ou fundo para que possamos de fato dar sustentação a esse plano de subsídio e incentivo. O Governo acenou com os ajustes financeiros e que estão sendo processados.

O programa inicialmente contempla quarenta municípios, escolhidos segundo critérios técnicos, como por exemplo: produção e produtividade, qualidade número de beneficiários etc. Este Simpósio, constitui-se no marco oficial, para o início das ações para a revitalização da cafeicultura do Estado do Espírito Santo.

Serão definidas comissões central, regionais e municipais que serão responsáveis pela implementação do programa no prazo de dez anos.

O programa, no que diz respeito aos recursos públicos, soma 56 milhões de dólares que se destinam ao apoio à produção, desenvolvimento de tecnologia, melhoria da qualidade e aprimoramento do processo de comercialização.

O total é de 492 milhões de dólares, incluindo a participação dos produtores. Dizia **há pouco, que o programa é de uma parceria, onde se contempla o produtor, as prefeituras**

e onde setem, obviamente, o governo estadual.

Do orçamento total a parcela de contribuição dos produtores, está sendo tentada junto do Ministério da Indústria Comércio e Turismo - MICT, via financiamento, num montante de 25.000.000 de reais para 94/95.

O que estamos buscando através da cafeicultura é melhorar a qualidade de vida. A cafeicultura, é capaz de propiciar essa melhoria da qualidade de vida, não somente no meio rural mas também no meio urbano, por ser propulsora, das mais importantes, no sentido de interiorizar o desenvolvimento e melhorar a qualidade de vida do nosso produtor rural e das suas famílias.

Finalizando, neste tempo que vocês me concedem quero fazer um apelo veemente a todos.

É necessário que dispensemos todo cuidado relativo à conservação e recuperação dos recursos naturais (água, solo e planta), na condução da atividade cafeeira bem como a qualquer outra que cultivarmos na propriedade rural, mas, sobretudo, nas áreas ocupadas pelo nosso parque cafeeiro. A EMCAPA através de suas pesquisas já identificou nas regiões montanhosas, perdas de solo da ordem de 60t/ha/ano.

Muito obrigado pela atenção de vocês e em especial a equipe técnica que elaborou o programa que me permitiu apresentá-lo.